



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA**

RAFAEL FARIAS LIMA

**NARRATIVAS DA RÚSSIA OITOCENTISTA NAS OBRAS DE TCHEKHOV E
TURGUENIEV**

**CAMPINA GRANDE
2015**

RAFAEL FARIAS LIMA

**NARRATIVAS DA RÚSSIA OITOCENTISTA NAS OBRAS DE TCHEKHOV E
TURGUENIEV**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Unidade Acadêmica de
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para
obtenção do título de Licenciado em
História.

Área de concentração: História

Orientadora: Profa. Dra. Luíra Freire
Monteiro

**CAMPINA GRANDE
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732n Lima, Rafael Farias.
Narrativas da Rússia oitocentista nas obras de Tchekhov e
Turgueniev [manuscrito] / Rafael Farias Lima. - 2015.
26 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro,
Departamento de História".

1. Rússia oitocentista. 2. Literatura russa. 3. Narrativa. I.
Título.

21. ed. CDD 947.08

RAFAEL FARIAS LIMA

**NARRATIVAS DA RÚSSIA OITOCENTISTA NAS OBRAS DE
TCHEKHOV E TURGUENIEV**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Unidade Acadêmica de
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para
obtenção do título de Licenciado em
História.

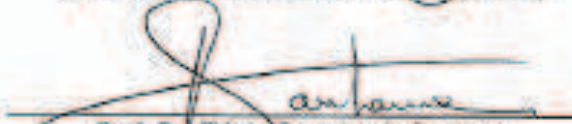
Área de concentração: História

Aprovada em: 30/Junho/2015

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Luíra Freire Monteiro (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Flávio Carneiro de Santana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof. MSc. Bruno Rafael de Albuquerque Carneiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai Oriel José de Sousa Lima,
“Omnia mea mecum porto”. (*In Memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Dentre inúmeras pessoas que passaram na minha trajetória acadêmica e pessoal, algumas foram indispensáveis para o desfecho desse ciclo, que há tempos foi adiado, mas muito almejado. Gostaria de externar meus sinceros votos de agradecimento:

Aos meus pais Leonia Farias Lima e Oriel José de Sousa Lima (in memoriam), pela educação que me foi devotada, e pela extrema paciência no trato cotidiano e nas escolhas profissionais e pessoais.

A minha futura esposa, Harriet Karolina Galdino dos Santos sem seu incentivo e ajuda intelectual, a conclusão seria mais demorada e tortuosa.

A minha professora e orientadora Luíra Freire Monteiro, pela confiança em mim depositada, que com seu tato de educadora me auxiliou na escolha de um tema que me é bastante caro.

Aos professores Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio e Flávio Carreiro de Santana, por aceitarem integrar a minha banca de defesa, exímios profissionais que muito admiro e que contribuirão de forma significativa para minha pesquisa.

Ao meu fiel amigo Pitôco (Pitoculus – o gladiador) que desde o início da concepção deste trabalho esteve ao meu lado.

“Sem autenticidade, sem educação, sem liberdade no seu significado mais amplo - na relação consigo mesmo, com as próprias ideias pré-concebidas, até mesmo com o próprio povo e com a própria história - não se pode imaginar um artista verdadeiro; sem este ar não é possível respirar”. (Ivan Turgueniev)

RESUMO

A literatura russa do século XIX é um dos grandes legados da humanidade, uma vez que coloca em discussão temas de grande relevância histórica. A proposta de se trabalhar com a narrativa literária vem como um recurso historiográfico para mapearmos a história da Rússia oitocentista. A escolha de Tchekhov e Turgueniev se deveu a grande magnitude e alcance de suas obras, não só entre os amantes da literatura estrangeira, como também aos estudiosos da História do povo russo, partindo de tais pressupostos, pretendo somar esse ensaio aos inúmeros estudos registrados acerca de suas mais renomadas obras: O jardim das Cerejeiras e Pais e Filhos. A partir de suas narrativas poderemos observar como a Rússia se encontrava na segunda metade do século XIX, logo após a emancipação dos servos e quando o país tenta se inserir na modernidade europeia como uma sociedade industrial. A presente pesquisa possui um caráter analítico, qualitativo e de levantamento bibliográfico, tomando como base os teóricos Hayden White e Roger Chartier, suscitaremos ao decorrer do texto debates sobre ficção e realidade na escrita histórica e literária, bem como os novos debates e possibilidades advindas da história Cultural.

Palavras-Chave: Rússia. Narrativas. Literatura.

1. INTRODUÇÃO

A literatura russa é extremamente rica, porém segundo historiadores, muito nova se compararmos a países como Inglaterra, França e Alemanha. Há de se falar sobre isso como causa de uma unificação territorial conturbada e tardia; desde quando ocorreu o Cisma do Oriente, que vai repartir a Igreja romana em duas, entre apostólicos romanos e ortodoxos gregos, os territórios eslavos e posteriormente o país continental, Rússia, mantiveram relações estreitas com a Europa. Só com a unificação efetiva com Pedro “o grande” em 1700 a Rússia volta a ampliar suas relações com os países europeus, diminuindo assim seu Orientalismo e se deixando influenciar pelas ideais da Europa.

Essa nova relação com a Europa se efetiva com Catarina II, responsável por estabelecer contatos com pensadores franceses como Voltaire e Diderot, convidando também muito frequentemente pensadores italianos e franceses para a Rússia.

Não é de se estranhar que nos primeiros momentos da produção literária russa, a mesma respondesse a influências externas, inicialmente a França, com poemas de Kantemir e Derjávín, os primeiros poetas que escreveram na língua russa, mas com moldes da versificação francesa, e posteriormente Lomonóssov e Tretiakóvki que usarão métrica greco-latina; porém Aleksander Púchkin inaugura o modelo genuíno russo de literatura, onde terá uma magnificência dos temas e das ambientações em uma linguagem clara e direta. Assim a Rússia agora obterá uma forte e norteadora originalidade, que produzirá seguidores.

Enquanto a literatura passava por tais metamorfoses o cenário da política russa, tão destacado nas alíneas dos autores, é de relativa “estabilidade”, como diz o ditado: “um gigante de pés de barro”, pois apesar das conquistas do Cáucaso e da anexação da Bessarábia, a conquista da Turquia causa insatisfação de alguns países europeus e exemplo da Inglaterra, o que culmina na Guerra da Criméia e com a derrota russa Pierre Broué (1960) comenta sobre a situação russa:

No século XIX é um mundo imenso, tão rico em recursos, como parado no tempo, em que, durante a Guerra da Criméia, se coloca pela primeira vez o descompasso com a civilização ocidental: o Czar Alexandre II pode então avaliar as debilidades do seu império e compreender que a mera inércia é incapaz de proporcionar as gloriosas vitórias que sonha. (BROUÉ, 1960. P.02)

O Império Russo possuía uma economia atrasada, um censo do final do século XIX, mas precisamente de 1817 diz que sua população era de 129 milhões de pessoas, onde 87% viviam no campo e 81,5% eram agricultores. As técnicas agrícolas do país eram rudimentares e os camponeses realizavam práticas agrícolas primitivas. Devido à pressão demográfica pressupõe-se que as práticas culturais permanentes e de curto prazo, resultaram em algo devastador, como o abandono da pecuária. Com isso os rendimentos agrícolas ficam baixíssimos, ficando muito atrás da França e Inglaterra.

A fome se alastra e para suprir a necessidade de trinta milhões de pessoas, o país teve que importar trigo de países europeus. Esse fracasso

agrário fará com que a Rússia dependa do mercado internacional, tanto para suprir as mazelas do campo, quanto para seu processo de industrialização, que surge a partir de meados do século XVIII, com o processo de ocidentalização dos Czares. Mesmo com essa iniciativa a indústria não alavanca, porém no século XIX numa tentativa modernizadora o czar Alexandre II abriria caminho da servidão afim de que essa mão de obra camponesa pudesse afluir para as indústrias, onde o trabalho “liore” seria capaz de fornecer mais rendimentos.

Todavia, a falta de estrutura e capital russo faz com que o capital estrangeiro domine a indústria do país. Apesar de ser um grande produtor de platina, petróleo e cobre, a maioria dos capitais eram de investimentos ingleses, franceses, alemães e belgas. Fazendo com que a Rússia tornar-se uma mera colônia econômica.

Por sua vez, a sociedade do século XIX formada por maioria mujiques, agora livres da servidão, migrará para os campos em terras distribuídas em troca de muitos impostos, 60% das terras cultiváveis serão divididas para cem milhões de pessoas, enquanto o outro montante continuará pertencendo a coroa, a uma burguesia urbana e a nobreza camponesa.

Com a falta de educação e uma agricultura falida os mujiques irão viver a beira da fome, as rebeliões serão severamente sufocadas e por mais que a servidão não haja no papel, muitos ainda se submeterão para escapar da fome total; enquanto isso na cidade os operários das indústrias trabalharão longas jornadas, recebendo honorários menores do que os operários europeus e do norte americano. Apesar de desfrutarem do que a urbanização tinha a oferecer viviam a margem de várias coisas.

É importante ressaltar que a Rússia não possuía uma burguesia de fato, e sim um modelo atrasado de burguesia, típica de países coloniais, pois a cúpula que está à frente de vários negócios depende diretamente do aparato estatal e internacional, quebrando assim o sentido da burguesia.

Por sua vez os nobres que juntamente com o czar possuíam todos os confortos que se podia tirar da cansada economia russa do século XIX, viviam em uma “bolha”, a qual estourará no início do século XX.

Levando em consideração o cerne da Rússia no século XIX, o presente artigo tem como objetivo apresentar as narrativas sobre o Império russo através das narrativas literárias de Turgueniev e Tchekhov, evidenciando as transformações literárias, econômicas, sociais e políticas vivenciadas por duas gerações distintas.

2. HISTÓRIA, LITERATURA E NARRATIVA

A historiografia mundial vem passando por mudanças desde o início do século XX, esse processo de reconfiguração vai trazer consigo a necessidade de incorporar novos parâmetros, novas discussões e fontes para a História. A amplitude desse debate irá de encontro a intenção desse artigo, o de abrir uma discussão acerca das narrativas sobre a Rússia, tendo como fonte a literatura de dado país.

A História enquanto ciência vai assimilar os diálogos literários, utilizando-os no processo de escrita histórica, tentando aproximar-se ao máximo do que denominamos de verossimilhança, das vivências e fatos cotidianos que se apresentam nos textos produzidos. Assim como a Literatura se apropriará da História para tecer reflexões, ou até mesmo auxiliar na construção de personagens, cernes sociais, políticos, culturais e econômicos de determinadas sociedades; ou seja, podemos dizer que há uma diferença na abordagem e nos modos de investigação de dadas áreas.

Roger Chartier (1994) através de seu debate acerca da História Cultural assinalará tanto as mudanças nos paradigmas da produção historiográfica, como a anexação de elementos novos, que propiciarão a essa “nova história”, uma grande diversidade de objetos, territórios e costumes. Pluralidade essa que se disseminará no Brasil de forma mais intensa na década de 1980, através de expoentes da historiografia, que abarcarão temáticas dantes nunca vistas, trazendo um novo olhar sobre as fontes até então tidas como positivistas, e propiciando uma maior amplitude e aceitação de tantas outras fontes, negadas pela ideologia Marxista, que apregoava uma intensa escrita maniqueísta, entre bem e mal, opressores e oprimidos.

Nos últimos dez anos foram essas certezas, longa e amplamente artilhada que foram abaladas. De um lado, sensíveis a novas abordagens antropológicas ou sociológicas, os historiadores quiseram restaurar o papel dos indivíduos na construção de laços sociais. Daí resultaram vários deslocamentos fundamentais: das estruturas para as rodas, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as estratégias singulares. (CHARTIER, 1994, pg.98)

Com esse trecho percebe-se que o autor levanta a importância de sair das amarras dos contextos econômico e social, é necessário ir além, para se conhecer um povo é imprescindível adentrar nas suas manifestações populares, nas suas “artes de fazer”. Dessa maneira compreende-se que a Nova História Cultural foca sua atenção nos produtores e receptores de cultura. Nesse novo universo a literatura vai se fixar como uma das maneiras de se estudar as manifestações culturais dos povos, entretanto sofrerá grande resistência, pois levantará embates ideológicos sobre o conceito de verdade, ou validade histórica.

Sabe-se que é importante perceber as diferenças e semelhanças na maneira que irá se narrar o discurso histórico e o discurso literário; percebendo também os fatos históricos que serão apresentados nas obras e como serão construídas as narrativas ficcionais.

Os autores farão “insights” com a história russa, Turgeniev com uma Rússia oitocentista, exibirá um embate entre o mundo feudal em decadência e a inserção de uma modernidade, com o surgimento de uma burguesia capitalista; ao mesmo tempo em que as velhas amarras se desprendem, ele enxerga e apresenta uma sociedade prestes a se rebelar, frente ao caos social enfrentado pelo país no século XIX. Vislumbramos, portanto, uma construção de narrativa que irá basear-se na estrutura ficcional da história russa, com o foco voltado para os aspectos políticos, sociais e econômicos do século XIX.

Quando formos estudar o romance temos que investigar os personagens para vermos como o autor utilizou a memória e seus ideais político-sociais para a criação dos mesmos. Pois só assim poderemos realizar um mapeamento dos pensamentos ideológicos do autor, a partir dos personagens.

Segundo Hayden White (2001) as estruturas narrativas da história são semelhantes à narrativa literária, uma vez que ambos possuem um método de escrita parecido, seleção de enredo, ordenação de fatos, ficando tudo mais compreensível aos olhos dos leitores, pois os elementos colhidos pelo historiador não fazem por si só uma narrativa, são apenas fatos históricos.

É importante ressaltar que existe também a forma como o interlocutor vai mediar e narrar os fatos, porque através da ordenação dos fatos teremos servido uma História trágica ou romântica, então há de se analisar o enredo, para sabermos a intenção.

[...] a maioria das sequencias históricas pode ser contada de inúmeras maneiras, diferentes de modo a fornecer interpretações diferentes daqueles eventos e dotá-los de sentidos diferentes [...] (WHITE, 2001, p.101)

Interagindo com o pensamento de White (2001), podemos concluir que um fato pode obter várias interpretações e permear diversos gêneros como: satírico, trágico, romântico, poético etc. Os dados não se alteram, só duas abordagens.

É certo falar que os dois escritores russos discutidos no presente artigo não irão mudar os acontecimentos históricos, mas farão sua narrativa através da escolha dos fatos e os ordenando, criando, assim uma História dentro de uma estrutura ficcional.

[...] toda narrativa não é simplesmente um registro do que aconteceu na transição de um estado de coisas para o outro, mas uma redescritção progressiva de conjuntos de eventos de maneira a dismantelar uma estrutura codificada num modo verbal no começo, a fim de justificar uma recodificação dele num outro modo final. Nisto consiste o “ponto médio” de todas as narrativas. (WHITE, 2001, p. 115)

3. TCHEKHOV: UMA BREVE BIOGRAFIA DO AMANTE LITERÁRIO

Anton Pavlovitch Tchekhov nasceu no dia 29 de janeiro de 1860, na cidade de Taganrog ao sul do então Império russo, sem descendência nobre o seu avô foi servo; já o pai de Tchekhov era proprietário de um pequeno

armazém e também se voltava a música e a religiosidade, ele era o líder do coral da Igreja e tocava violino. A economia familiar girava em torno do armazém e toda a família trabalhava no estabelecimento. Com essa vivência no comércio Tchekhov vivenciou um intenso contato com as mais variadas pessoas, principalmente com os ex-servos, o que vai ampliar seu conhecimento sobre o povo de seu país.

Outra grande influência na vida de nosso autor será a Igreja, vínculo estreitado pela forte fé e prática do pai, a Igreja soma a Tchekhov conhecimentos do mundo eclesiástico, como a fala e as condutas de pensamento. Cresceu em uma casa de família grande, com um pai rígido e violento, e só se sentia a vontade de gozar sua infância quando viajava para casa de seus avós.

Desde cedo Tchekhov escreve, começando seu dom da escrita em um pequeno jornal estudantil. Ao encontrar-se com 15 anos sua família é obrigada a mudar-se para Moscou por problemas financeiros de seu pai, tornando-se um grande marco em sua vida, já que ele permanecerá em Toganrog sozinho para terminar os seus estudos. Nessa sua nova fase de vida Tchekhov sobrevive ministrando aulas particulares, e nessa mesma época em 1880 escreve sua primeira peça, *Os sem pai*.

Após o término de seus estudos Tchekhov vai para Moscou morar com sua família, e lá ingressa na faculdade de medicina, exercendo simultaneamente a profissão de escritor, produzindo artigos, contos para jornais e revistas; mas por necessidade e responsabilidade de ajudar financeiramente sua família.

Em 1884 terminou a faculdade de medicina e nesse mesmo ano lança seu primeiro livro de contos *Contos de Melpomêne*, ele tinha uma extrema facilidade para narrativas curtas, apesar de sempre almejar escrever um romance. Sua escrita atinge um maior sucesso quando ele passa a escrever a um famoso jornal de São Petersburgo, o *NóvrieVrénia* (Novo Tempo); porém há relatos de sua insatisfação com seu trabalho em cartas permutadas com um influente escritor da época Grigórovitch. Percebe-se um respeito mútuo nas cartas enviadas um ao outro. Em uma das conversas Grigórovitch aconselha

Tchekhov a deixar de assinar os seus trabalhos com pseudônimo (AntochaTchekhontie) e a evitar trabalhos com prazos estabelecidos, pois afeta a integridade literária dos textos. Os conselhos são bem recebidos e Tchekhov ainda arrazoia sobre sua crise e descontentamento com o trabalho, relatando que sua atitude é leviana pela falta de comprometimento com seu trabalho. Como ele mesmo versa “Tenho escrito os meus contos à maneira dos repórteres tomam notas de incêndio: maquinalmente, meio inconsciente, sem a mínima preocupação com o leitor, nem comigo mesmo” (TCHEKHOV, apud)

Através de suas autoanálises ele amadurece sua dramaturgia e sua literatura. Segundo Leonardo Fróes (ano)

Tchekhov registrao que acontece ao redor a ganancia desmedida de uns, a localidade desesperada de outros, o desanimo, a obstinação, a esperteza... uma fase terminal as duas ultimas décadas do século XIX impunha grandes transformações. Mas o mundo Czarista de fundamento agrário, tornando-se obsoleto ante o vapor da indústria, que retalhava com o trem de ferro as fazendas, apodrecia por inércia. (FRÓES,)

Nesse ponto podemos nos apropriar das intenções de Tchekhov, quando ele decide agir em suas escritas narrando o cotidiano por ele vivido no Império russo. Diferente de Tolstói, que pregava um retorno ao passado, à agricultura, à vida no campo; ou seja, uma vida simples de mujiques sem as intempéries da cidade e das relações de uma sociedade decadente, Tchekhov por sua vez teve todo um contexto com os mujiques, a vida toda testemunhou o que eles passavam no campo, portanto, valorizava a urbanização mirando a cidade como uma possível melhoria do povo da sociedade também decadente. Podemos encontrar tais posicionamentos em duas obras, “*Minha vida*” e “*Os mujiques*”.

Em 1887Tchekhov descobre que sua saúde está se debilitando por causa da tuberculose, fato este que o leva ao Cáucaso, pois o clima do mar faz diminuir os efeitos da doença. Apesar de estar fora dos grandes centros

políticos ele continua se informando e escrevendo, principalmente sobre temas como: o drama humano para sobreviver.

A sua obra vai mostrar um realismo puro que versará sobre o panorama russo do século XIX, seus ideais de ética, progresso, belo, ciência, honestidade, irá perseguir o modo de vida burguês nas cidades russas. Em seus contos sempre apontava uma burguesia robusta, por causa de seus excessos, como mostrava também os pobres (mujiques) que eram explorados.

Tchekhov casa-se com Olga Knipper em 1901 e viverá um relacionamento complicado por causa de sua doença. Ele morava em Ialta no Mar Negro e Olga por causa do trabalho morava em Moscou. Antes de falecer escreve dois contos, mas sem o brilho cômico do mesmo homem de vinte anos atrás. E em 1904 aos 44 anos a doença o vence, Tchekhov morre em um sanatório na cidade alemã de Bodeneveiller.

3.1 O JARDIM DAS CEREJEIRAS: POR UMA INVERSÃO DE ESTRATOS NA SOCIEDADE RUSSA.

Entre tantas obras de conhecimento público, escolhemos para analisar o Jardim das cerejeiras escrita no início do século XX, mas especificamente em 1904. Em sua última obra Tchekhov vai nos apresentar uma Rússia pré-revolucionária, trazendo consigo uma discussão entre a aristocracia rural em decadência, conjuntamente com uma burguesia em ascensão.

A literatura de Tchekhov é o novo drama, que surge na Rússia na segunda metade do século XIX, chamada também de Era de Ouro da literatura russa, portanto será posto em discussão o que a obra origina de tão russo que pode montar um cenário do século XIX.

Sobre a obra Jardim das Cerejeiras pode-se notar a mentalidade capitalista que rodeia a Rússia em seu processo de industrialização através dos personagens Lopakhin, um homem prático e ambicioso da crescente burguesia controversa que ascendia na Rússia; controversa, pois sua maioria

era composta de ex-servos ou descendia de ex-servos, e apesar do Capitalismo encaminhá-los, possuíam muitas atitudes ainda cristalizadas pela criação ou servidão.

Segundo a visão de Lopakhin a solução da derrocada financeira da família aristocrática rural seria lotear o jardim das cerejeiras e construir casas de campo para alugar a veranistas. Observamos ao decorrer da narrativa que o pensamento de lucro não muda só aperfeiçoa-se, Lopakhin tem certeza de que se fizerem isso obterão sucesso, e dinheiro não será mais um problema. A ideia de loteamento antes era inviável e inaceitável, e com mudança de hábitos sociais oriundos de uma sociedade capitalista, torna-se aceitável e lucrativo, porém o choque entre o velho e o novo faz com que a aristocracia entre em colapso em suas certezas econômicas e ideológicas.

Ao receber o conselho de Lopakhin, Liubov e seu irmão Gaievterminantemente o recusam, para ambos essa ideia é abominável. Eles possuem um apego afetivo com a propriedade e também estético, por causa da bela paisagem causada pelas cerejeiras. Diferente de Lopakhin que olha para terra como algo a ser explorado. Liuba descende de uma aristocracia que por anos dependem do trabalho dos mujiques e nessa nova fase do Império Russo, não consegue se inserir nas novas relações que irão aflorar, principalmente a econômica.

No opúsculo pode-se notar que boa parte dos proprietários de terras, oriundos da aristocracia, possuem grande inaptidão para gerenciá-las vivendo quase sempre a beira das execuções fiscais, o que nos leva ao personagem chamado Simeonov-Pishchik, um proprietário de terras a beira da falência que pede dinheiro emprestado a Liubov para pagar os juros da hipoteca de suas terras. Mesmo tendo o seu empréstimo sido negado, sua fala é otimista em relação à sorte que tem de “escapar” de situações financeiras catastróficas.

Simeonov-Pishchik- ... Eu nunca perco a esperança. Uma vez que pensei que estava tudo perdido, que eu estava arruinado e aí... lá vem a estrada de ferro, atravessando minhas terras e eu recebo um dinheirão. Alguma coisa vai acontecer também agora... hoje, amanhã, eu sei Dochenka vai ganhar duzentos mil rublos... comprou um bilhete. (TCHEKHOV, 2014, p. 27-28).

Ao analisar o Império Russo vamos obter duas situações: apesar do novo (burguesia) está se fazendo presente na sociedade russa, ela é “amarrada” ainda por um velho sistema de poder: o Czarismo, apesar do Czar Alexandre II dar a liberdade aos servos, o país continua a oprimir as pessoas com censuras e violência.

Diante desse cerne político e econômico Tchekhov insere um personagem que se caracteriza como um estudante, ele surge como uma consciência crítica para sua obra. Ao analisarmos Trofimov percebemos que sua intenção é de ser um fio condutor para o pensamento da sociedade russa: “a humanidade caminha em direção a grande verdade, á suprema felicidade que pode existir na terra... e eu quero estar nas primeiras fileiras”. (referência) Tchekhov coloca Trofimov como um mediador dos discursos das classes sociais.

Sobre o jardim que nos é apresentado, nos direciona a uma série de definições. Para Gaiev e Liubov apresenta-se a partir de uma conotação estética, nostálgica e saudosista, já com Leopakhin o seu capitalismo só visa o lucro, mesmo vivendo um certo conflito com seu passado enquanto filho de um ex-servo.

...meu pai era um mujique, um campônio, um idiota; não sabia nada e me ensinou menos. Sua ideia de educação era de me espancar com uma vara quando estava bêbado. Por isso sou tão grosseiro e ignorante quanto ele. Não estudei nada. Minha letra é péssima, me dá até vergonha de escrever na frente dos outros. (TCHEKHOV, 2014, p. 42).

Já pela ótica de Trofimov o jardim aparece como um campo de exploração onde o proprietário além de possuir as terras também quer possuir as almas vivas que ali trabalhavam, os mujiques; em outro momento camponeses livres.

A revolução que é anunciada por Tchekhov é a mudança violenta sofrida por todas as camadas sociais da Rússia. O jardim das cerejeiras nos remete historicamente a um campo de conflitos que nos é passado durante a expansão industrial russa, que vai forçar novas relações com o comércio, com

a terra e até com o governo. Tchekhov nos mostra os dois lados da moeda, como todos que fazem a sociedade irão se adaptar ou não com essa nova aurora.

4. AS INFLUÊNCIAS NIILISTAS NA OBRA DE TURGUENIEV: POR UM ESTUDO DAS DICOTOMIAS GERACIONAIS RUSSAS DO SÉCULO XIX

Ao estudarmos a literatura russa nos deparamos com uma narrativa diferente, mas que ao mesmo tempo se aproxima do Realismo machadiano. A obra que aqui iremos relatar será uma das maiores produções literárias de sua época e de seu genitor também, *Pais e Filhos* de Ivan Turgueniev. A análise historiográfica da obra vai de encontro com a vida do autor, suas vivências fizeram com que suas concepções de mundo desembocassem no Liberalismo e no Objetivismo.

Turgueniev nasce em Orel na Ucrânia, na antiga possessão do Império russo, ele é resultado da criação de um pai militar e uma mãe rica e voluntariosa, como também um ser humano despótico; o que de certa forma explica seu posicionamento social, político, econômico, se levarmos em consideração que o indivíduo é um produto do meio que reside.

Sua violência e arbitrariedade contra os mujiques faz com que ele tenha repúdio do sistema de servidão e das condições de vida dos camponeses. Essa negação de um pensamento unitário da aristocracia rural influencia Turgueniev a buscar na Europa suas concepções ideológicas.

Sua formação educacional se dá na Alemanha onde o mesmo adere a concepções liberais e a princípios sociais básicos como civilidade, cortesia e não violência. Em suas obras Turgueniev preza muito as questões econômicas, políticas e sociais de sua época, e vai buscar em *Pais e Filhos* retratar a sociedade russa dando vez e voz a todos da trama, aristocracia ou campesinato.

Todos os seus personagens são baseados em pessoas que ele conheceu ou figuras que passaram seu cotidiano longinquamente. No livro *Pais e Filhos*, carro chefe para compreensão de sua produção, visualizamos uma forte inspiração derivada do Nihilismo, este trazido a tona por Bazarov e Arcadio. A partir do Nihilismo é possível perceber a sociedade russa e alguns processos da formação do Estado russo moderno.

Através de um estudo genealógico é possível esclarecer a proveniência dos valores de um determinado tempo histórico e quais os interesses desses valores impostos a sociedade, sempre desconfiando de qualquer dogmatismo.

No século XIX o Nihilismo vai permear as cabeças de poetas e escritores em geral. É importante sabermos que o Nihilismo na Rússia oitocentista emerge como uma tentativa ideológica para a luta de jovens contra o atraso econômico e social do governo czarista. Em *Pais e Filhos* Turgueniev vai tornar esse conceito popular sincronizando com o momento de mudança passado pela Rússia, de características feudais e tentando se inserir numa modernidade industrializada, porém com progresso ainda germinando.

O romance de Turgueniev, que tem como base o conflito de gerações, está voltado para o advento da racionalidade burguesa, no período em que a sociedade russa importava os valores da modernidade europeia. (CEI, 2011, p.105)

Através do pensamento de Cei (2011) vemos que o Estado russo está tentando sair da estagnação das tradições e da importação de ideais, é uma resposta histórica do país que buscava se inserir ao mundo europeu. A visão de Turgueniev vai adentrar nas entranhas da sociedade de seu tempo, colocando sérios contrastes como a degradação do sistema feudal eslavo, mais uma continuidade social desforme e injusta.

Para sabermos como a história *Pai e Filhos* se desdobra temos que ir até os personagens centrais; a exemplo do estudante Arkádi Kirsanov que vai regressar a casa de seu pai Nicolai Petróvitch, um velho aristocrata que fica dividido entre a alegria de receber o seu filho e a preocupação em gerenciar

suas terras, após a libertação da servidão dos mujiques. Em seu regresso Arkádi traz consigo seu amigo Eugenio (Bazarov), um estudante de medicina com origem plebeia, que se intitula niilista. Dentro desse quadro Turgueniev, apresenta um jogo entre gerações, sem tomar partido de nenhuma geração ou ideologia. Os estudantes niilistas tem um papel representativo dentro do contexto histórico russo, de uma intelectualidade emergente na metade do século XIX, geralmente oriundos das classes bem providas.

O Positivismo de Comte se anexa ao pensamento Niilista e fascina esses jovens intelectuais, que por muitas vezes, com sua negação de tudo, que não possa ser comprovado cientificamente dá tons ora de ingenuidade, ora de presunção.

- Um bom químico é vinte vezes mais útil que qualquer poeta – insinuou Bazarov
- Ótimo – disse Paviel Pietrovitch, parecendo adormecer as sobrelhas. – O senhor então não reconhece o valor da arte?
- A arte de ganhar dinheiro ou a arte de curar hemorroidas? – perguntou Bazarov, contou irônico. (TURGUENIEV, 1981, p.32)

Para os jovens intelectuais a ciência vai ser o único caminho para se chegar ao conhecimento, “o único guia individual do homem”. (CEI, 2011) Ao receber isso como fonte e direção de vida Bazarov vai padecer de uma grande rejeição a cultura e a sociedade. Convicções que abalariam muito o convívio social, uma vez que a aristocracia possui toda uma cultura voltada para as tradições.

Esse movimento ideológico vai gerar incertezas pelo seu caráter destruidor de valores, repercutindo também sobre as mulheres, equiparando-as aos homens em todos os direitos. Em seus primeiros anos, o Niilismo serviu de base para que os casamentos no religioso dessem vez aos mancebos, propiciando também as moças de família mais influentes da sociedade a possibilidade de trabalhar nas fábricas e oficinas. É a libertação de ideias que separavam as mulheres do cerne político e econômico.

Contudo, o governo czarista não deixaria tais subversões impunes, movendo, por conseguinte uma série de perseguições contra esse movimento

libertador, fazendo com que o Nihilismo volte a viver nas margens e influenciando os que querem sair das amarras do tradicionalismo russo. Essas ideias transformadoras irão se tornar ícones de distinção e delimitariam os lugares dos pais e dos filhos, frente às adesões ideológicas, contradições que vão acompanhar o processo de formação do estado moderno no período oitocentista.

Turgueniev aproveita o estilo realista russo para criar em sua obra, um dos vários cotidianos do país, expondo para todos a realidade do seu povo, os desejos e defeitos, que são sempre aliados aos contextos sociais e psicológicos. O estilo realista é notado nos perfis dos personagens, estes descritos com extrema precisão, uma grande característica russa e principalmente de Turgueniev que permeava sempre entre a cultura Ocidental, com a cultura eslava Oriental.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez fica mais evidente que o ofício do historiador traz consigo inúmeros meios de se contar a história, em dado trabalho consistiu na tentativa de apropriação de fontes até então negadas em águas passadas pelos intelectuais, e através dessas narrativas literárias assoalharemos relatos sociais, culturais, econômicos e políticos de um Império que se encontrava em transformação.

É notório que ao nos depararmos com uma fonte literária, devemos saber delimitar até onde é ficção, e até onde é “realidade”, proporcionando ao leitor o mais aproximado da verossimilhança que conseguirmos, já que a academia exige tamanho rigor, e suscita um debate que há tempos toma os corredores dos cursos da área de humanas, quanto ao cuidado e trato com as fontes literárias. Corroboro do mesmo pensamento de Aristóteles, quando ele versa sobre a importância do poeta em detrimento da história, “porque ele é poeta pela imitação e porque imita ações” (ARISTÓTELES, Apud, GOBBI, 2004.p-40).

Sendo assim, trazer a discussão sobre a inserção da Rússia na modernidade europeia através da literatura nos mostra como esses escritores não são reféns de sua época e sim agentes.

Nos escritos de Tchekhov e Turgueniev encontramos personagens que apresentam aspectos inerentes a sua personalidade, ao seu eu; percebemos, o quanto suas experiências sociais e econômicas se estenderam as alíneas escritas, que dependendo da ótica do leitor ou do diretor se transformava ora em tragédia e ora em comédia.

Dados autores ao se aproximarem do Niilismo e Realismo acabavam por externar aos leitores as mazelas sofridas pela sociedade menos abastadas da Rússia, representada pela figura dos mujiques, e dos descendentes de ex-servos que ascendia economicamente, mostrando simultaneamente a luta pela perpetuação da tradição através da aristocracia que se encontrava capenga.

A presente pesquisa teve por objetivo mostrar a História da Rússia, a partir de um recorte cronológico não muito abarcado por pesquisadores, demonstrando as fragilidades existentes no século XIX a partir de histórias, contos e peças de autores da literatura estrangeira.

ABSTRACT

The Russian literature of the nineteenth century is one of the great legacies of humanity, since it calls into question issues of great historical relevance. The proposal to work with literary narrative comes as a historiographical feature to map the history of nineteenth-century Russia. The choice of Chekhov and Turgenev was due to large magnitude and scope of his works, not only among lovers of foreign literature, as well as to scholars of history of the Russian people, starting from these assumptions, I want to add this text to the numerous studies reported on of his most renowned works: *The Garden of Cherry* and *Parents and Children*. From their stories we can see how Russia was in the second half of the nineteenth century, following the emancipation of the serfs and when the country tries to enter the European modernity as an industrial society. This research has an analytical character, qualitative and literature, based on the theoretical Hayden White and Roger Chartier, will raise the course of the text debates on fiction and reality in historical and literary writing, as well as new debates and possibilities arising from the Cultural history.

Key-words: Russia. Narratives. Literature.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Josélia (org.). **7 clássicos Russos/ Fiodor Dostoievski; Anton Tchekhov; LievTolstoi...**[et al].São Paulo :Editora Duetto, 2010.

BROUÉ, Pierre. “**O Partido Bolchevique: A Rússia Antes da Revolução**”. Disponível: <https://www.marxists.org/portugues/broue/1960/partido/cap01.htm>

CEI, Vitor. **Nietzsche, Turgueniev e o Nihilismo**.Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia, Minas Gerais, vol. 03, nº07,2011.

CHARTIER,Roger. **A História hoje: dúvidas, desafios e propostas**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.7,nº13, 1994.

FROÉS, Leonardo. “**Lapidador do dia a dia: Tchekhov retrata a gangrena social da Rússia**”. Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2010/07/761128-lapidador-do-dia-a-dia-tchekhov-retrata-a-gangrena-social-da-russia.shtml>

GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. **Relações entre ficção e história: uma breve revisão teórica**. Itinerários, Araraquara, 22, 37-57, 2004.

LIMA, Mariana; BUENO, André. **AQueda Do Jardim: Impressões da Rússia no Século XIX**. Revista Graphos, João Pessoa, vol.12, nº1, 2010.

NASCIMENTO, Rodrigo **A.FogoCruzado: Turgueniev e o contraditório envolvimento objetivo**”. Língua, Literatura e Ensino, São Paulo. Vol.IV.2009.

TCHEKHOV, Anton. **O Jardim das Cerejeiras**. Porto Alegre: Editora L&PM POCKET

TURGUENIEV, Ivan S. **Pais e Filhos**. São Paulo: Editora Abril, 1981.

WHITE, Hayden.**O texto histórico como artefato literário**.Trópicos do discurso:ensaio sobre a crítica da cultura. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2.ed. São Paulo:Edusp, 2001. p. 97-116.